

## **Educação Popular em Saúde Sexual e Reprodutiva: relato de experiência de um projeto de extensão universitária em promoção da saúde da mulher**

Nycolle Kerphanny da Silva<sup>1</sup>, Gabriela Monique de Lima<sup>2</sup>, José Marcos da Silva<sup>3</sup>

### **Resumo**

Apresenta-se um relato de experiência de um projeto de extensão universitária denominado “Educação Popular em Saúde e Promoção da saúde sexual feminina”, que teve como propósito oferecer um ambiente de diálogo, trocas e afetividade para estudantes, professoras e mulheres da comunidade do Alto do Sacrifício, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. São apresentadas as etapas de oficinas para promoção da saúde sexual das mulheres, com roteiro e atividades que foram aplicadas para proporcionar a redução da vulnerabilidade acerca dessa temática, e propiciar a tomada de conhecimento para autocuidado e autonomia nas relações íntimas. Para a concretização do projeto, utilizou-se, como método, rodas de conversa, de escuta e compartilhamento de saberes. A experiência foi de suma importância, tanto para as estudantes universitárias envolvidas quanto para as mulheres da comunidade, as quais foram as participantes da ação, em função da oportunidade de aprendizagem. Constatou-se que essa ação contribuiu para a formação acadêmica, para a prática de educação popular em saúde e para a reflexão acerca da educação libertadora, anticolonial, por meio da consciência, da desconstrução de concepções, tabus, preconceitos, com vistas à superação da violência, do adoecimento, da desigualdade de gênero e para a promoção da saúde sexual feminina.

### **Palavras-chave**

Mulheres. Saúde sexual. Direitos sexuais. Universidades.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: nkerphanny@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: gabriela.monique@ufpe.br.

<sup>3</sup>Doutor em Direitos Humanos, Saúde Global e Políticas da Vida pela Fundação Oswaldo Cruz, Brasil; Doutor em Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas pela Universidade de Coimbra, Portugal; professor adjunto na Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: jose.marcoss@ufpe.br.

## **Popular Education in Sexual and Reproductive Health:** experience report of a university extension project at promoting women's health

Nycolle Kerphanny da Silva<sup>4</sup>, Gabriela Monique de Lima<sup>5</sup>, José Marcos da Silva<sup>6</sup>

### **Abstract**

An experience report on a university extension project called "Popular Health Education and the Promotion of Women's Sexual Health" is presented, which aimed to provide an environment of dialogue, exchange, and affection for students, teachers and women from the Alto do Sacrifício community in Vitória de Santo Antão, Pernambuco state. The stages of the workshops to promote women's sexual health are presented, with a script and activities that were applied to reduce vulnerability on this issue and provide knowledge for self-care and autonomy in intimate relationships. The method used was conversation circles, listening, and sharing knowledge. The experience was extremely important, both for the university students involved and for the women in the community who took part in the action, due to the learning opportunity. It was found that this action contributed to academic training in the practice of popular health education, and to ponder on the liberating, and anti-colonial education, through awareness, deconstruction of conceptions, taboos, and prejudices, intending to overcome violence, illnesses and gender inequality, to promote women's sexual health.

### **Keywords**

Women. Sexual health. Sexual rights. Universities.

---

<sup>4</sup>Student of Public Health at the Federal University of Pernambuco, Brazil. E-mail: nkerphanny@gmail.com.

<sup>5</sup>Student of Public Health at the Federal University of Pernambuco, Brazil. E-mail: gabriela.monique@ufpe.br.

<sup>6</sup>PhD in Human Rights, Global Health and Life Policies from the Oswaldo Cruz Foundation, Brazil; PhD in Human Rights in Contemporary Societies from the University of Coimbra, Portugal; assistant professor at the Federal University of Pernambuco, Brazil. E-mail: jose.marcoss@ufpe.br.

## Introdução

O reconhecimento dos direitos à saúde sexual e reprodutiva é considerado uma importante conquista histórica, decorrente da luta e resistência pela cidadania e pelos Direitos Humanos (Brasil, 2013).

A vivência da sexualidade representa a possibilidade de exercer sua liberdade sem constrangimento, de anticoncepção autodecidida e de realizar a maternidade voluntária (Alarcão *et al.*, 2019; Lemos, 2014; Sabô, 2020).

Desse modo, esses direitos devem ser notados para serem pensadas logísticas governamentais eficazes, uma vez que o atendimento das demandas por cuidado à saúde sexual e reprodutiva relacionadas às vivências de homens e mulheres deve ser um compromisso das políticas públicas na perspectiva de uma das bases do Sistema Único de Saúde, com a garantia da integralidade (Souza; Madeira, 2021; Souza; Tyrrel, 2007).

A saúde sexual e reprodutiva constitui uma parte crucial da saúde geral e representa uma característica do desenvolvimento humano, superando o foco na prevenção de problemas de saúde, os problemas de saúde sexual, a gravidez indesejada e não planejada, infecções sexualmente transmissíveis, bem como a violência sexual, para um conceito mais amplo em que a saúde sexual é vista como um determinante para a saúde e como um quesito para a saúde reprodutiva (Mendes, 2019; Sabô, 2020; Stefanovska-Petkovska *et al.*, 2019).

A saúde sexual feminina tem sido um tema velado por ser confundido com sexualidade, o que leva ao principal ponto: o tabu que cerca mulheres de todas as idades. Colocamos em evidência o fato de que a mulher é uma figura que, desde o princípio, é vista como símbolo reprodutivo, sem prazer e sem voz sobre seu corpo, e as mulheres que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais (Oliveira; Martins; Gonçalves, 2018; Paula *et al.*, 2022; Souza; Madeira, 2021).

A vida sexual da mulher sempre foi um ponto negligenciado, diferente da vida sexual masculina, a qual se fez objeto de estudo na sua totalidade e se fez um paradigma em termos de comparação com a sexualidade feminina (Oliveira; Martins; Gonçalves, 2018).

Os direitos sexuais e reprodutivos estão vinculados a perspectivas que objetivam garantia de liberdade, autonomia, empoderamento da mulher, bem como à promoção de sua cidadania e às consequências na sua saúde, sendo necessário pensar na mulher, no seu contexto e na complexidade envolvida no ser mulher nas sociedades (Paula *et al.*, 2022; Sabô, 2020; Souza; Tyrrel, 2007).

A sexualidade e a saúde da mulher são temáticas interdependentes que exigem articulação epistemológica. Uma está diretamente ligada a outra; sexo e sexualidade desempenham um papel importante na saúde e no bem-estar das mulheres ao longo da vida, tendo em vista que uma vida sexual sem cuidados pode acarretar em problemas para a saúde feminina (Souza; Madeira, 2021; Vinícius, 2021).

O presente artigo parte de um relato de experiência caracterizado por

tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 65).

Este relato pretende compartilhar a experiência de um projeto de extensão realizado no primeiro semestre do ano de 2022, no Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão da Universidade Federal de Pernambuco, com mulheres da comunidade do Alto Reservatório, no município de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco.

O projeto se estruturou com o propósito de oferecer para as mulheres da comunidade, estudantes universitárias e professoras, um espaço de conversa, trocas e ensinamentos, promovendo a construção de uma sociedade com mulheres mais desconstruídas, empoderadas e saudáveis.

## **Metodologia**

Trata-se de um relato de experiência de um projeto de extensão universitária, desenvolvido no período de junho a novembro de 2022, vinculado ao componente curricular de Educação Popular em Saúde, para o curso de graduação em saúde do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão da Universidade Federal de Pernambuco.

O relato de experiência representa a “expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas, é reconhecida a importância de discussão sobre o conhecimento interligado ao saber escolarizado e aprendizagens advindas das experiências socioculturais” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 63).

O projeto foi coordenado por dois professores do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da instituição e contou com a participação de docentes e estudantes acadêmicos voluntários dos cursos de saúde coletiva, educação física, enfermagem, ciências biológicas e nutrição, propiciando-se a interdisciplinaridade, com o objetivo da promoção em saúde.

O aporte teórico que fundamentou a construção e a concretização desse projeto, além do estudo sobre a saúde sexual e reprodutiva, tem origem na obra do educador Paulo Freire, em suas contribuições acerca da educação popular, que se caracteriza por ser democrática, contextualizada, vinculada com a realidade concreta de vida das pessoas, favorecendo a tomada de consciência dos oprimidos sobre as formas de dominação política e apropriação econômica das classes dominantes. Assim, as classes populares podem se organizar para a transformação democrática da sociedade, superando as injustiças sociais (Machado; Silva; Tolentino, 2019).

A disciplina Educação Popular em Saúde visa a promover a apreensão de conceitos da educação e do campo da educação popular, as dimensões da educação popular em saúde e as contribuições da educação popular para o trabalho em saúde. Além de propiciar a compreensão da relevância da educação popular para a gestão participativa dos serviços de saúde, bem como na forma de mediadora do diálogo e da autonomia no cotidiano dos sujeitos em saúde (Machado; Silva; Tolentino, 2019).

O componente curricular tem carga horária total de 60 horas, sendo 15 horas de aulas teóricas e 45 horas de prática. São oferecidas 35 vagas para estudantes por semestre. Para a construção dos conhecimentos sobre saúde sexual feminina foi adotada uma metodologia baseada em oficinas nas quais as participantes estavam inseridas. Entende-se que a utilização de uma linguagem e de recursos acessíveis e compatíveis com a realidade das comunidades contribui no processo de assimilação das informações abordadas e na construção do conhecimento.

As oficinas de Educação Popular em Saúde e Saúde Sexual foram desenvolvidas a partir do planejamento pedagógico com todos os estudantes e professores que definiram os momentos pedagógicos, os conteúdos a serem abordados e os recursos pedagógicos necessários, conforme consta no quadro 1.

**Quadro 1** – Momentos pedagógicos para realização de oficinas de Educação Popular em Saúde e Saúde Sexual, conteúdo e recursos, Vitória de Santo Antão, Pernambuco, 2023

<b>Momentos</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Recursos pedagógicos</b>
<b>Entrada em cena:</b> Acolhimento.	Acolher as mulheres e realizar duas perguntas para que assim haja a compreensão do interesse e dar início ao tema.	<i>Playlist</i> de músicas e fala livre.
<b>Momento 1:</b> Autocuidado feminino.	Troca de informações e sabedorias sobre o que nós fazemos por nós mesmos, para manter nossa saúde em dia, para prevenir doenças, para ter bem-estar e para nos sentirmos felizes.	Roda de conversa e construção de uma mandala.
<b>Momento 2:</b> Negociar o uso da camisinha. Quem decide?	Conhecer a camisinha feminina, informando onde podem encontrar e como usar, além de conversar a respeito de falas ouvidas por cada participante sobre o uso de preservativo.	Jogo “O segredo da caixa” e fala livre.
<b>Momento 3:</b> Exposição do preservativo.	Apresentar diferentes modelos de camisinhas feminina e masculina, favorecendo a apreensão de alternativas, informando onde podem encontrar e como usar.	Demonstração e distribuição de camisinhas.
<b>Momento 4:</b> Encerramento.	Realização de uma pergunta para saber se o projeto cumpriu com seu objetivo.	Placas com <i>emojis</i> .

**Fonte:** os autores (2022).

Os materiais utilizados para as oficinas resultaram de pesquisas em textos e documentos científicos, adaptados para uma linguagem que mais se aproximasse à linguagem “popular”, coloquial, informal, com vistas a facilitar a compreensão sobre o tema saúde sexual da mulher, evitando apresentação em *PowerPoint*, linguagem erudita ou formal. A roda de diálogo foi o método virtuoso de troca de conhecimentos e diálogos de saberes acadêmicos e populares.

Foram idealizadas as possibilidades de atividades para o acolhimento das participantes e os recursos pedagógicos que seriam utilizados em cada momento das oficinas. A preparação desses recursos se deu a partir da formação de grupos de estudantes que atuaram em equipes de trabalho.

### **Relato da experiência**

A ideia do projeto surgiu por um comentário de uma professora nas aulas do componente curricular Educação Popular em Saúde. Durante a disciplina, houve trocas de ideias para uma tentativa de curso com o tema educação e saúde para a comunidade e, a partir disso, o projeto foi pensado e desenvolvido. A iniciativa do projeto teve como possibilidade efetivar atividades de promoção da saúde sexual, de forma a permitir que as/os estudantes vivessem a teoria na prática.

As oficinas foram espaços que proporcionaram o diálogo entre as mulheres acerca da promoção da saúde sexual e da vulnerabilidade das mulheres na sociedade patriarcal. Temas como autocuidado feminino, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e o uso de preservativo feminino, foram colocados em discussão e abordados nas trocas de experiências entre as mulheres.

Nesse sentido, o tema da Saúde Sexual, apesar de delicado, demonstrou ser um potencializador de fala e interação, proporcionando um ambiente íntimo para elas conversarem sobre autocuidado, afetividade, amor-próprio, a importância da educação popular e o empoderamento das mulheres.

As participantes se referiram às práticas de cuidado popular, com uso de chás, ervas e banhos de assento, diante disso iniciou-se a roda de conversa sobre o que nós fazemos por nós mesmas para manter nossa saúde em dia e prevenir doenças.

### **Momento 1 – Autocuidado feminino**

Durante a conversa construiu-se uma mandala, feita com papel colorido, com diferentes formas, ao mesmo tempo em que falavam do tema, de seus sentimentos, de suas emoções, das sombras e de conflitos. A mandala foi um recurso utilizado a partir da arteterapia:

Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. [...] é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arte-terapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças (Ciornai, 2004, p. 24).

## **Momento 2 – Negociar o uso da camisinha. Quem decide?**

No segundo momento, as mulheres presentes estavam mais confiantes e seguras para dialogar sobre o segundo eixo, que foi relacionado ao uso da camisinha e quem decide sobre ela. Para discutir esse assunto, utilizou-se o jogo “o segredo da caixa”; essa dinâmica se conceituou em colocar frases ditas, em sua maioria por homens, como: “camisinha apertada”, “camisinha não cabe” entre outras, ouvidas por nós, mulheres, no cotidiano e no ato sexual, de forma a debater acerca dessas frases.

O diálogo proporcionou trocas sobre as vivências e as opiniões das participantes, desmistificando mitos e enaltecendo a relevância do uso do preservativo em todas as relações, sem restrição.

A roda de conversação e diálogo demonstrou-se potente para fruir vivências em um espaço compartilhado entre semelhantes, com interação, confiança e partilha. Uma das participantes, que é avó, comentou que “sempre se preocupa com a vida sexual dos seus netos e por isso sempre pega camisinhas no postinho”, bem como o de uma mulher casada que fez referência ao fato de que seu companheiro “não gosta de ter relações com camisinha e por isso não faz uso de preservativo”.

O diálogo permitiu o confronto dialético entre as tramas que envolvem as mulheres, suas sexualidades e a saúde sexual. Reflexões trazidas por elas demonstram que há formas de dominação e disputa de poder, mesmo na tomada de decisão quanto ao uso ou não de preservativos e medidas anticoncepcionais, confirmando que o machismo representa situação de risco para a saúde das mulheres (Mendes, 2019).

Esse contexto de exercício do poder masculino sobre as decisões que implicam na saúde e na vida das mulheres coloca em suspeição a “responsabilidade” exclusiva delas, sobretudo quando relacionada ao uso de preservativos. A liberdade das mulheres, nesses contextos, é afetada diante da insegurança delas em dizer “não” nas relações íntimas e no ato sexual, o que ficou explícito nas falas das participantes.

### **Momento 3 – Exposição do preservativo**

No terceiro momento, realizou-se a exposição de um preservativo masculino e um preservativo feminino, dando ênfase à camisinha feminina e ao papel dela na autonomia da vida sexual da mulher, que infelizmente, muitas vezes, desconhecem ou não sabem como usar ou ter acesso a esse preservativo, trocas e diálogos ocorreram ao longo da apresentação do preservativo.

Em seguida, foi dada às participantes a oportunidade de escolher uma entre as várias placas com *emojis* disponíveis e para que pudessem expressar, por meio da fala, como foi o encontro, o que aprenderam, o que mudou e o que levavam da experiência para a avaliação do projeto, estimando as expectativas e realidade, o aprendizado e aspectos positivos e negativos dos encontros. O encontro se encerrou com as coordenadoras relatando como foi trabalhar com o grupo e entregando, como lembrancinhas, preservativos femininos e masculinos, além de um bilhete em forma de lembrança da experiência para cada participante.

### **Momento 4 – Encerramento**

O encerramento das oficinas foi realizado de forma divertida. Placas de *emojis* confeccionadas com papel e palitos de madeira foram entregues para que avaliassem o encontro, se cumpriu com o objetivo proposto e como se sentiam após a roda de conversa. Nesse momento as participantes se despediram e marcaram o próximo encontro.

### **Considerações finais**

A proposta para debater saúde sexual feminina representa um grande desafio. Desvelar um tema ainda repleto de tabus, preconceitos e emaranhado em construções sociais que sustentam relações de dominação, tendo uma sociedade com raízes machistas, é estar frente a frente com dificuldades e contínuos empecilhos para a saúde da mulher. Mas isso não deve impedir estudantes e professores, tendo em vista que se tem por entendimento a importância de tornar acessível o conhecimento na forma de poder de luta para a promoção da saúde, a fim de se ter melhores condições de vida. Destaca-se a importância de considerar o contexto histórico no qual se construiu a Saúde Coletiva no Brasil, visto que foi em um regime autoritário.

A formação acadêmica contribui para construção da identidade profissional dos estudantes que deverão atuar com base em preceitos éticos, teóricos e técnicos que norteiam sua atuação. Importa que a extensão universitária oportunize a reflexão acerca de concepções que sustentam preconceitos, estigmas, tabus, representando formas de dominação de corpos e mentes e afetam as mulheres. Nesse sentido, o diálogo sobre sexualidade e saúde sexual e reprodutiva serve para construir concepções alinhadas à equidade de gênero e saúde e pode ser um caminho virtuoso para a superação do machismo, da misoginia e da violência contra a mulher, que refletem negativamente na saúde da população feminina.

Nessa perspectiva, o propósito do projeto de extensão em questão foi favorecer o diálogo acerca da saúde sexual e reprodutiva para a promoção da saúde e da autonomia, no sentido de desconstruir preconceitos relacionados aos tabus que contribuem para situações de risco e para o adoecimento por infecções sexualmente transmissíveis. A extensão universitária é a proposta de interação entre saberes científicos com os saberes populares, sendo fundamental para a formação ético-política de profissionais que se comprometem com o cuidado de famílias e comunidades nos territórios de vida e trabalho.

Importa que outras experiências, como essa, sejam proporcionadas para o ensino pela vivência prática de produção de cuidado e saúde das mulheres de comunidades, debatendo-se temas como sexualidade humana, saúde sexual, gênero, empoderamento, integração de professores, estudantes e comunidades, na perspectiva dialógico-crítica acerca da estrutura colonial-capitalista-racista-classista-machista que condiciona tal modo de produção e organização da vida.

## Referências

ALARCÃO, V. *et al.* Fertilidade, migração e aculturação (FEMINA): um protocolo de pesquisa para estudar desigualdades interseccionais em saúde sexual e reprodutiva. **Reproductive Health**, Bethesda, v. 16, n. 140, p. 1-13, 2019. DOI 10.1186/s12978-019-0795-5. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31511027/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BARBIERI, J. B. P. *et al.* Projeto Mulher do Milênio: responsabilizando a mulher pela conquista de autonomia e reciprocidade. **Responsabilidade e Reciprocidade**, Restinga Seca, v. 1, n. 1, p. 346-353, 2011. Disponível em: <https://reciprocidade.emnuvens.com.br/rr/article/download/39/37>. Acesso em: 27 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica: saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf). Acesso em: 24 mar. 2022.

CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

LEMOS, A. Direitos sexuais e reprodutivos: percepção dos profissionais da atenção primária à saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 244-253, 2014. DOI 10.5935/0103-1104.20140022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/MwhZy3WFgBgxnr9g7rdSqdH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2022.

OLIVEIRA, E. L.; MARTINS, J. R.; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 303-314, 2018. DOI 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MACHADO, A. M. B.; SILVA, A. M.; TOLENTINO, G. M. P. Paulo Freire e a educação popular na história do serviço social brasileiro. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 134, p. 70-87, 2019. DOI 10.1590/0101-6628.166. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/64sQhQzqsnnwBh5zRntwwxp/?format=pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MENDES, I. M. A. **A autonomia da mulher sobre sua capacidade reprodutiva**: o direito de não ter filhos. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://uol.unifor.br/oul/ObraBdtdSiteTrazer.do?method=trazer&ns=true&obraCodigo=112800>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 21 dez. 2022.

PAULA, M. B. M. *et al.* Saúde sexual e reprodutiva de mulheres que vivem no contexto rural: revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 24, p. 1-11, 2022. DOI 10.5216/ree.v24.69529. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/69529>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SABÔ, B. C. A. **Menina a vir a ser mulher**: dos direitos sexuais e reprodutivos a justiça reprodutiva pelo olhar da bioética. 2020. Dissertação (Mestrado em Bioética) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38781>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SCHRAIBER, L. B. Saúde coletiva: um campo vivo. In: PAIM, J. (org.). **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 9-19.

SILVA, M. C.; CARVALHO, E. M.; LIMA, R. D. Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.

10, n. 18, p. 18-36, 2013 Disponível em:  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v10n18/v10n18a03.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SOUZA, A. C. C.; MADEIRA, D. F. P. O exercício dos direitos sexuais e reprodutivos por mulheres com deficiência mental ou intelectual no direito brasileiro. **Oikos**, Viçosa, v. 32, n. 2, p. 1-25, 2021. DOI 10.31423/oikos.v32i2.12603. Disponível em:  
<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/12603>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SOUZA, K. V.; TYRRELL, M. A. R. Os fatos e atos relacionados ao (difícil) exercício dos direitos sexuais e reprodutivos: em recortes, o processo de viver de um grupo de mulheres de classes populares. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 47-54, 2007. DOI 10.1590/S0104-07072007000100006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/tce/a/vRZDrYhgbLhcLPfhqcGdyFk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2022.

VINICIUS, A. Sexualidade e saúde da mulher têm forte relação. **Blog Dr. André Vinicius**, Campina Grande; São Paulo, 30 jun. 2021. Disponível em:  
<https://drandrevinicius.com.br/sexualidade-e-saude-da-mulher-tem-forte-ligacao/>. Acesso em: 27 mar. 2022.

Submetido em 15 de abril de 2023.

Aprovado em 29 de novembro de 2023.